

**HISTÓRIA E POESIA:
IMAGENS DE VILA RICA
EM "ROMANCE XXI OU DAS IDEIAS",
DE CECÍLIA MEIRELES⁵¹**

Elson Dias de Oliveira (UNIMONTES)
elsonrpm@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o caráter historiográfico da escrita poética de Cecília Meireles, revisitando a Ouro Preto colonial no poema “Romance XXI ou das Ideias”. Unindo história e poesia, realidade e imaginação, Cecília Meireles faz do “Romance XXI” um dos poemas mais eminentes no que diz respeito ao valor histórico-nacional da antiga Vila Rica. Deparamo-nos com um surpreendente esforço do eu-lírico em reconstruir, com “imagens”, símbolos e vocabulário, o cenário que antecede a Inconfidência Mineira. Numa espécie de contemplação indignada, o poema em epígrafe não somente representa, mas, sobretudo, denuncia a sociedade das minas do período colonial do Brasil. Assim, dentre as possíveis leituras do “Romance XXI”, ressalta-se, sobretudo, o clamor irresistível dos oprimidos e martirizados na história da Inconfidência, bem como as influências das ideias iluministas no movimento da Inconfidência.

Palavras-chave: Romance XXI ou Das Ideias. História. Poesia. Vila Rica.

O presente trabalho pretende analisar o caráter historiográfico da escrita poética de Cecília Meireles, revisitando a Ouro Preto colonial no poema “Romance XXI ou Das Ideias”. Para tanto, consideraremos a forma da composição, o momento de produção, o contexto cultural, enfim, tanto os elementos estético-literários quanto os elementos sócio-históricos do poema, que é parte integrante da obra *Romanceiro da Inconfidência*, para muitos considerada a obra-prima da autora. Vale ressaltar, previamente, que essa análise não tem a pretensão em ser a palavra final, visto que, “como ‘tecido de palavras’, o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se percebe o entrelaçamento dos fios que o organizam” (GOLDSTEIN, 2002, p. 06).

Mas, de que forma literatura e história se imbricam e se dialogam? Indo ao encontro da concepção de Leenhardt (1998, p. 42), “o que constitui o fundamento comum do discurso histórico e do literário é a vontade de representar na linguagem os fatos e os acontecimentos segun-

⁵¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVIII CNLF, em 2014.

do a modalidade do verossímil". Em outras palavras, mesmo que a literatura extrapole o real e crie um mundo imaginário, ela sempre dependerá de um olhar atento sobre a realidade, visando uma coerência interna. Assim, a dimensão contextual e circunstancial dos acontecimentos narrados, caros à produção de sentido, encontra-se tanto no campo da história como no da literatura, já que ambos aperam, no mais das vezes, sob a égide cronológica do pretérito na tessitura narrativa.

Todavia, vale destacar que o universo literário carrega uma possibilidade muito maior de transcendência do real. Segundo Pesavento (1998, p. 21), a literatura não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo, em que os limites de criação e fantasia são mais amplos que aqueles permitidos pelo historiador. Então, a literatura, quando rememora fatos e feitos históricos, constitui-se como um importante espaço de preservação de memórias, mas sem a preocupação em estabelecer sentenças ou postulados sobre “o que” e “por que” aconteceu. Leenhardt e Pesavento salientam, ainda, que a literatura

não exige a “pesquisa documental”, típica da atividade do historiador e que se encontra na base de seu trabalho, mas não dispensa o conhecimento daquele conjunto de informações que lhe dará o suporte para a contextualização da narrativa. Mas a narrativa literária se permite trilhar outros caminhos, que passam pela estética, pela poesia, a sua relação com os “traços da passividade” é mais liberada. (LEENHARDT & PESAVENTO, 1998, p. 11)

Nesse sentido, unindo história e poesia, realidade e imaginação, Cecília Meireles, expoente da segunda geração do modernismo brasileiro, faz do “Romance XXI ou Das Ideias”, com 126 versos, um dos poemas mais eminentes no que diz respeito ao valor histórico-nacional da cidade de Ouro Preto. Congregando elementos épicos e líricos, o “vigésimo primeiro canto” do *Romanceiro da Inconfidência* parece recompor, de certa maneira, o cenário sociocultural da antiga Vila Rica, ao mesmo tempo em que vivifica esses acontecimentos, numa linguagem literária. Tem-se, pois, um sujeito poético que não apenas informa e retrata, mas também convida o leitor a se sensibilizar, envolvendo-o por meio de recursos estéticos e de estilo.

Podemos considerar o “Romance XXI” como sendo lírico porque traz em si sentimentos, sensações e reflexões do sujeito poético. Mas é, também, carregado de traços épicos, por ser um poema narrativo, através do qual o poeta conta, descreve e exalta fatos e personagens históricos, como se percebe no decorrer de todo o *Romanceiro da Inconfidência*.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O poema é quase todo construído com versos de sete sílabas (heptassílabo ou redondilha maior), com incidência de tônicas na sétima posição. São seis as estrofes, com números variados de versos. Não obstante certa simplicidade do ponto de vista das leis métricas, verifica-se um ritmo e um tom sonoro surpreendentes, causados pelo nítido desejo do eu-lírico em voltar ao passado e protestar, e dar “voz” aos fatos e personagens ora representados:

A vastidão desses campos.
A alta muralha das serras.
As lavras inchadas de ouro,
Os diamantes entre as pedras.
Negros, índios e mulatos.
Almocafres e gamelas.
Os rios todos virados.
Toda revirada a terra

Como se percebe logo na primeira estrofe, o eu-lírico traz à tona aquele cenário histórico que é o tema da composição: a grande extração de ouro e a configurações socioambientais decorrentes desse acontecimento. O prevailecimento de substantivos e, por conseguinte, a carência de verbos sugere um conjunto de imagens que animam o cenário histórico e geográfico de Minas Gerais, mormente a região de Ouro Preto, onde desencadeou a Inconfidência Mineira. Evidencia-se, assim, o caráter social da obra, enfatizando a luta pela liberdade no Brasil do século XVIII.

De fato, em “Romance XXI ou Das Ideias” nos deparamos com um surpreendente esforço do eu-lírico em reconstruir, com imagens, símbolos e vocabulário, o cenário da Inconfidência Mineira. A referência aos campos, serras, lavras, rios, e, é claro, ouro e diamantes, remete-nos, claramente, ao universo da produção aurífera em Vila Rica. Vale destacar, então, o caráter aparentemente contraditório e conflitante da natureza da poesia: ser produto social e transcender o histórico. Por esse viés, Octávio Paz afirma que

o conflito está nas entranhas do poema e consiste no duplo movimento da operação poética: transmutação do tempo histórico em arquetípico e encarnação desse arquetípico em um agora determinado e histórico. Nas imagens e ritmos transparece, de maneira mais ou menos nítida, uma revelação que não se refere mais àquilo que dizem as palavras, e sim a algo anterior e em que se apoiam todas as palavras do poema. (PAZ, 1996, p. 55)

Assim, numa perspectiva histórica e literária, numa espécie de contemplação indignada, o poema em epígrafe não somente representa, mas, sobretudo, denuncia a sociedade das minas no período colonial do Brasil. Vejamos alguns versos da segunda estrofe do poema:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Amplas casas. Longos muros.
Vida de sombras inquietas.
Pelos cantos das alcovas,
histerias de donzelas.

Verifica-se nos versos supracitados uma alusão à ociosidade, à “boa vida” dos grandes fazendeiros e donos de minas, que satisfaziam seus desejos concupiscentes nos quartos das casas grandes; suas regalias com senhoritas. Em contrapartida:

No batuque das mulatas,
A prosápia degenera:
pelas portas dos fidalgos,
na lã das noites secretas,
meninos recém-nascidos
como mendigos esperam.
Bastardias. Desavenças.

Nesses versos, revela-se a tristeza de uma sociedade em que “negros, índios e mulatos” não tinham nada além do que um penoso destino, angustiante e crucial.

A terceira estrofe aponta o movimento de uma Vila Rica em que, à primeira vista, nada havia de estranho e desregrado, como se somente a alegria e o progresso reinassem por ali:

Fogos. Mascaradas. Festas.
Nascimentos. Batizados.
Visitas. Sermões de exéquias.
Os estudantes que partem.
Os doutores que regressam.

Mas, na quarta estrofe, retoma-se, numa sensibilidade tamanha, a dura vida dos oprimidos e escravizados pelo sistema colonial. Observa-se o drama vivido pelos “mártires” da extração de ouro nas Minas Gerais. A ênfase, nos versos que se seguem, recai novamente sobre a escravidão dos negros. Estes, sujeitos a toda a sorte (ou azar!) de doenças, eram configurados como fonte de riquezas e investimentos para os grandes proprietários de terras e de minas. Vejamos:

Os rumores familiares
que a lenta vida atravessam:
alefantíases; partos;
sarna; torceduras; quedas;
sezões; picadas de cobras;
sarampos e erisipelas...
Senzalas. Tronco. Chibata.
Congos. Angolas. Benguelas.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Na quinta estrofe do “Romance XXI ou Das Ideias”, podemos observar um nítido entrelaçamento entre história e poesia, entre realidade histórica e pensamento figurativo. A questão da luta pela liberdade no país torna-se evidente quando o eu-lírico ironiza a decadência do império português:

Alvarás. Decretos. Cartas.
A Europa a ferver em guerras.
Portugal todo de luto:
triste Rainha o governa!
Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!

É bem sabido que, como consequência da gigantesca exploração, Minas Gerais já não produziam tanto ouro. A metrópole, endividada com a Inglaterra, estreitava os laços do Pacto Colonial e atribuía a queda da produção de ouro ao contrabando. Ademais, os ministros de D. Maria, “a louca”, imperatriz de Portugal, trocam o governador da capitania, para que diminuísse as cobranças. Nesse contexto, a metrópole criou a Derrama: cada região de exploração deveria pagar 100 arrobas de ouro por ano para a metrópole. Caso determinada região não conseguisse cumprir estas exigências, soldados da coroa entravam nas casas das famílias para confiscarem seus pertences até completar o valor devido.

Em 1789, a elite mineira, com formação europeia, conhecedora do Iluminismo e da Declaração de Independência dos EUA, começa a se organizar para lutar pela “Liberdade ainda que tardia”. É o que se figura nos seguintes versos do “Romance XXI”:

Uns poucos de americanos,
Por umas praias desertas,
Já libertaram seu povo
da preponente Inglaterra!
(Palpita a noite, repleta
de fantasmas, de presságios...)
E as ideias.

Assim, muitos profissionais liberais, juristas e intelectuais formados em Coimbra, padres, poetas árcades e outros começaram a se organizar com vistas na autonomia da colônia em relação à metrópole portuguesa. Essa “elite letrada” fazia ressoar na Colônia as ideias novas do Século das Luzes, com seus ideais de democracia. Em vias de diminuição da extração do ouro, já havia, portanto, um fundamento ideológico para nortear o descontentamento e incitar um movimento de revolta contra os altos impostos cobrados pela Coroa. Dentre os temas explorados nas produções literárias, avultam-se referências à paisagem tropical, elementos

da flora e da fauna brasileiras, e certos aspectos peculiares de nossa realidade colonial, como a mineração. No que se refere aos poetas árcades, cita-se principalmente Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto. O sujeito poético de "Romance XXI ou das ideias", já na última estrofe, faz uma referência direta aos neoárcades:

Doces invenções da Arcádia!
Delicada primavera:
– entre as ameaças austeras
De mais impostos e taxas
Que uns protelam e outros negam. (...)
E os aleives. E as denúncias.
E as ideias.

Destarte, o poema epo-lírico "Romance XXI ou Das Ideias", de Cecília Meireles, constitui um importante acervo poético de representação e de denúncia ao sistema econômico-social da antiga "Vila Rica" no período colonial brasileiro. Nesse sentido, não se trata somente de uma alusão a um momento histórico; ao contrário, carrega em si a captação de elementos marcantes, indetentáveis, através de um processo muito mais sugestivo e imaginativo do que lógico e discursivo, visto que

O mundo exterior, os seres e as coisas não constituem um domínio absolutamente estranho ao poeta lírico, nem este pode ser configurado como um introvertido total, miticamente insulado numa integral pureza subjetiva. O mundo exterior, todavia, representa um elemento da criação lírica somente enquanto absorvido pela interioridade do poeta, enquanto transmutado em revelação íntima. (AGUIAR E SILVA, 1986, p. 228)

Dentre as possíveis leituras do "Romance XXI", ressalta-se o clamor irresistível dos oprimidos e martirizados nos sertões mineiros e nos contornos da "Cidade Colonial". Além disso, vale destacar a insistência do poético em demonstrar a força das ideias libertárias, inspiradas em nações outras e propagadas em terras brasileiras. Não adentramos, aqui, às questões relativas à "conjunção" em si e suas implicações (sanções físicas, mortes etc.), porque o próprio poema se limita em considerar o que antecede o movimento. Por tudo isso, o "Romance XXI" se torna um convite à reflexão, um apelo ao resgate das imagens poéticas dos fatos e personagens que representam: o esplendor das Minas Gerais na segunda metade do séc. XVIII; a face trágica desse momento histórico; as influências das ideias que fomentaram o levante da Inconfidência Mineira.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1986.
- ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. (Orgs.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2002.
- LENHARDT, Jacques. A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: LENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- _____; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1989.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. (Orgs.). *A questão dos gêneros literários*. Belo Horizonte: Lê, 1994.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.